

CD: Um suporte privilegiado para o documentário sonoro

Ana Baumworcel¹

Ao analisar o CD produzido por alunos de Rádio-documentário da UFF para a comemoração dos 40 anos da instituição, este texto discute a sobrevivência do áudio em outro suporte que não o rádio. Demonstra também a possibilidade de construção de um hipertexto sonoro utilizando como links diferentes vozes e como ícones, diversas faixas.

Palavras - chave - áudio, hipertexto sonoro, linguagem

O computador trouxe um novo paradigma para a comunicação ao permitir um relacionamento mais interativo² entre emissor e receptor. A nova tecnologia da informação possibilitou a participação, a intervenção, bidirecionalidade e a multiplicidade de conexões. As mensagens deixaram de ser lineares com o hipertexto³ e o receptor se tornou co-autor, optando por diferentes caminhos. O emissor não é mais apenas um contador de histórias. Seu papel agora é criar territórios para navegações disponíveis a interferências e modificações a partir de um novo diálogo. O receptor virou também um produtor da informação.

Neste novo contexto da comunicação, há espaço ainda para uma linguagem exclusivamente sonora? É possível proporcionar esse relacionamento mais interativo a partir

¹ Jornalista e Professora de Radiojornalismo e Rádio-Documentário da Universidade Federal Fluminense. Mestre em Comunicação, Imagem e Informação (UFF).

² Silva, 2000, em seu livro: Sala de Aula Interativa, defende que a moderna comunicação interativa proporcionada pelas novas tecnologias modificou significativamente a mensagem e as relações entre produtor e consumidor da informação e analisa seu uso na educação. Ortriwano, 2000, em Rádio: Interatividade entre Rosas e Espinhos [on line] discute a interatividade no rádio a partir dos textos de Brecht e as novas possibilidades do meio na internet.

³ O hipertexto é um texto em forma de teia, que possibilita ir de um ponto do texto para outro ponto ou outra página de forma a permitir a leitura na ordem de sua preferência. As páginas da Internet são construídas em hipertexto.

de um meio que veicule apenas a linguagem sonora? Quais as vantagens em trabalhar só com essa linguagem?

Pensando nestas questões, coordenei a equipe de 20 pessoas que elaborou um material sonoro sobre a Universidade Federal Fluminense.

No dia 18 de dezembro de 2000, a UFF lançou um CD⁴ para comemorar seus 40 anos, contando sua trajetória em 65 minutos⁵. A produção de documentários radiofônicos está praticamente extinta no Brasil e a primeira dificuldade era resgatar essa experiência. O segundo desafio foi “construir” a memória da UFF a partir de poucos registros escritos sobre a história da instituição. O trabalho foi feito quase exclusivamente com depoimentos orais. A comunidade universitária é formada por mais de 28 mil pessoas, entre alunos, professores e funcionários, sem contar os aposentados, o que obviamente torna impossível ouvir a todos. Selecionar quais as fontes entrevistar foi muito debatido.

Além disso, a memória do ser humano se enfraquece, se apaga no tempo e no espaço, se não for registrada. Viveu-se, então o paradoxo de, por um lado, o depoimento oral trazer na voz do entrevistado a emoção de um momento passado, mas, por outro, ser impreciso em detalhes informativos. Datas e fatos apontados por diferentes atores sociais, às vezes, se chocavam. A opção foi valorizar lembranças afetivas, assumindo que a construção da “nossa” história sobre a UFF seria incompleta.

O trabalho de equipe foi fundamental para a coleta de mais de 30 horas de depoimentos, assim como a confecção coletiva do roteiro contribuiu para construir um elo entre “tantas” histórias de forma a dar sentido ao todo. Em termos de condições de trabalho, foi preciso “driblar” a burocracia institucional e “subverter” um pouco o processo acadêmico, funcionando como equipe de produção, com horários além da sala de aula. Porém sem deixar de refletir e debater o próprio processo, dinâmica integrante mais do meio universitário do que das rotinas do mercado de trabalho.

Formato

Apesar de ser um CD institucional, a preocupação era fazer um material mais jornalístico do que publicitário e valorizar a universidade pública nesse momento de dificuldades financeiras. A questão era, também, fugir de uma simples colagem de depoimentos de forma a dinamizar o material sonoro para torná-lo atrante.

⁴ Este Compact Disk só contém áudio, não dispõe de imagem por nossa opção.

⁵ Houve audição durante solenidade de uma versão reduzida para 18 minutos e distribuição de 1000 CDs. Outra versão dividida em 4 capítulos foi veiculada na Rádio MEC -AM, em dezembro de 2000.

O CD foi dividido em faixas que podem ser ouvidas sequencialmente ou não. A decisão sobre que caminho seguir é do receptor que atua como co-autor da narrativa. A opção por faixas autônomas teve como objetivo interagir com o ouvinte de forma a tornar a comunicação aberta, proporcionando ao receptor uma assimilação ativa.

Por exemplo, se você começar a ouvir o CD pela faixa 6 “Rádio Experiência” vai saber que nem todos os personagens da história a ser contada foram ouvidos. A compreensão desta informação se dá por si só, não depende da audição das outras faixas do CD. O mesmo acontece se começar a ouvir, por exemplo, pela faixa 4, “Ideologia”.

A escolha feita pelo receptor modifica a dinâmica da mensagem, mas não a torna incompreensível. Essa possibilidade de opção proporciona ao ouvinte várias leituras, apesar da recepção ainda estar separada da produção⁶. Funciona como se um leitor reescrevesse um texto iniciando pelo fim da história e mesmo subvertendo a linearidade da narrativa, não a torna “non-sense”. Ao contrário, o texto adquire um novo sentido.

Cada faixa do CD pode, então, ser comparada a um “ícone” em que o usuário aciona para saltar de uma “janela” para outra, transitando aleatoriamente numa exploração não-sequencial, que permite processos de associações não-lineares.

A tendência do ouvinte é seguir as faixas do CD em ordem crescente, mas tivemos retorno de alguns, “os sem tempo”, que passaram de uma faixa para outra pulando trechos. E nem por isso deixaram de assimilar a mensagem. Outros ouviram cada faixa em dias alternados e também não sentiram prejuízo no entendimento do conjunto da informação. Os que “navegaram”, selecionaram e receberam o material sonoro a partir de seu interesse, de seu referencial, de suas possibilidades.

Apesar das faixas terem sido construídas de forma autônoma, elas têm uma ordem cronológica (década de 60, 70...) e iniciam com músicas que as denominam. “Começaria tudo outra vez..”, “Gênesis”, “Lunik 9”, “Ideologia”, “Fora da Ordem” e “Rádio Experiência” são músicas que dão significado a própria história da UFF em cada década e por isso também identificam as diferentes faixas.

Faixa Um

⁶ O computador é um suporte que permite ao usuário não só escolher que caminho seguir em busca da informação, como ele próprio pode criá-la. Isso não é possível no CD que já vem com o material informativo gravado, fechado.

Com 3'13" de duração, "Começaria tudo outra vez..." abre o CD com um plano geral para que o ouvinte "visualize" um pouco o território a ser apresentado. Na colagem de frases soltas de diferentes pessoas demonstra-se o todo. Sem identificação, a fala de cada um compõe a diversidade do discurso da instituição. Ao não nomear os atores sociais neste trecho, tiramos suas individualidades para transformá-los no "povo-fala". Não importa quem é o dono de cada voz, mas o significado do que é dito. Ditos que representam o grupo.

O final de cada depoimento se encadeia com o próximo e a gravação em canais diferentes produz "imaginariamente" um efeito de onda. Procuramos construir um link sonoro, no qual uma fala dá a deixa para outra. A música de Nando Reis "...é bom olhar para trás e admirar a vida que soubemos fazer..." introduz a viagem pelo tempo.

A faixa um começa no presente anunciando, em ritmo de edição extraordinária, o aniversário da UFF no ano de 2000 e retorna ao passado através do "povo-fala". Brinca-se, nas diversas faixas, com o tempo, pulando do passado para o presente e vice-versa, apesar da demarcação das décadas. Para isso, usou-se o recurso musical.

O elemento musical

Neste documentário⁷, demonstra-se que a música é um dos elementos da linguagem sonora que pode interferir de forma decisiva no conteúdo. As músicas selecionadas foram pensadas como informação e não apenas como adereços para contribuir na construção do ritmo e do clima.

Com diferentes melodias, construiu-se um túnel do tempo, situando o ouvinte em cada época, a partir da própria evolução da história da música popular brasileira. As canções de protesto e os festivais marcaram, por exemplo, a década de 60, o tropicalismo, os anos 70, o rock nacional, 80 e o rap, a década de 90. A música neste documentário compôs o cenário, ou seja, o espaço, e o tempo, criando um efeito emotivo que mesclado a ruídos e palavras forma uma verdadeira partitura⁸.

⁷ O formato documentário absorve características do rádio-drama, como os efeitos sonoros e a música, por exemplo. E, justamente, por utilizar os recursos não verbais intensifica seu conteúdo emocional, propiciando maior envolvimento, o que provoca empatia na comunicação. Ao mesmo tempo é jornalismo porque reproduz, refletindo e refratando a realidade.

⁸ Sanz, 1999, p.59, defende o conceito de partitura radiofônica: "...tem a ver com a forma pela qual as sonoridades se organizam no Rádio. Da mesma maneira que a música tem harmonia e melodia, independentemente de estar registrada sobre o pentagrama formando uma partitura, a informação radiofônica,

Outros elementos utilizados foram as propagandas e os noticiários de época. Eles perpassam todas as décadas, contextualizando-as. A propaganda dá leveza para o material sonoro e impressão de que o documentário está sendo veiculado numa emissora de rádio.

Os noticiários, retirados dos arquivos do Museu da Imagem e do Som e do Sistema Globo de Rádio, informam sobre acontecimentos, reproduzindo a história do Brasil, como ela foi veiculada naqueles diferentes momentos.

Dessa forma, a história do país se relaciona com a história da UFF, com a história do rádio e a da música popular brasileira. E nem sempre utilizamos a palavra para contá-las. Muito dessas histórias são passadas pela emoção, pela sonoridade. Pelo áudio exclusivamente.

Algumas notícias não foram encontradas nos arquivos sonoros das emissoras de rádio, como por exemplo, a do incêndio de um circo norte-americano em Niterói, no início da década de 60. Um noticiário de época, então, foi forjado para introduzir a criação do hospital universitário a partir do incêndio que deixou muitos feridos.

No entanto, este boletim radiofônico fictício não tirou a credibilidade do documentário por não ter destoado dos verdadeiros. As informações factuais dialogaram com as sonoras dos entrevistados, com as músicas, com os diversos locutores (cada década teve dois), costurando a narrativa com agilidade.

Ouvir a notícia sobre o golpe militar de 64 ou os gritos da passeata dos estudantes em 68, por exemplo, trouxe a possibilidade de visualizar esses momentos históricos e de transportar o ouvinte para a época única e exclusivamente a partir do som. Para quê então apelar para a imagem se o som pode produzi-la na mente do receptor⁹ ?

Faixa Dois

Com 18'32", "Gênesis" retrata como a situação política e econômica do Brasil influenciou a vida acadêmica em Niterói. Batidas de coração mixadas à dramaticidade da música dão o tom da década de 60. A propaganda da construção de Brasília inicia o relato que termina de forma arrepiante com Geraldo Vandré.

qualquer que seja seu gênero, tem suas harmonias e melodias...Michel Butor propunha, em 1968, que o texto radiofônico fosse trabalhado como partitura musical..."

⁹ Meditsch, 1999, p.126, afirma que " isso não significa que o rádio não possa criar imagens, conduzido a imaginação do ouvinte. A diferença é que essas imagens interiores, produzidas na mente, não podem ser confundidas com as imagens que se vêem na tela. São imagens muito mais ricas - podem comportar três dimensões, e também incluir sensações táteis, olfativas, auditivas- e também muito mais econômicas: muitas vezes são dispensadas sem prejuízo da comunicação."

Utilizou-se a sonoplastia como em narrativas de teatro e cinema, mas sem exagero para não tornar o documentário inverossímil. O objetivo era trazer harmonia e melodia ao texto.

A variedade de vozes também compõe uma sinfonia. Mais que isso, forma links¹⁰ facilmente indetectáveis e possibilita o cruzamento de grande quantidade de informação.

Valorizou-se o depoimento oral dos atores sociais, afinal eles vivenciaram as diversas etapas da construção da universidade. Os protagonistas, portanto, são as testemunhas entrevistadas e não os locutores do documentário.

A voz impostada do apresentador entra no meio dos relatos como uma costura para identificá-los, mas não interfere na narrativa. É uma voz em segundo plano, quase invisível, se é que poderíamos chamar assim num meio sonoro. É semelhante a uma legenda de um documentário em vídeo. Cada entrada dessa voz impostada liga o ouvinte à trajetória do CD. É uma voz que identifica outras vozes fazendo um elo entre as diversas narrativas.

As sonoras, como a música e a sonoplastia, também falam por si só. As sonoras ocupam o lugar do narrador da história em alguns trechos dessa faixa, pois uma cola-se à outra dando continuidade ao já dito.

As entrevistas não foram usadas apenas para reforçar a versão do locutor. Assim como a colagem da música “Chiclete com banana” com trechos do AI-5 também não foi apenas um efeito plástico. Essa colagem denuncia a sutil interferência norte-americana em 68 e funciona, portanto, como informação. É uma colagem de fragmentos que produz outra leitura. Uma leitura do tipo “cinestésico”, atenta ao mesmo tempo ao dito e ao que corre paralelamente através do efeito sonoro, da música.

Faixa Três

Com 18’19”, “Lunik 9” fala da guerra do ufanismo e do terror que foi a década de 70 e de como o ensino universitário conseguiu crescer apesar da repressão. O clímax desta faixa se refere aos desaparecidos por motivos políticos lembrados a partir da história do aluno de direito da UFF, Fernando Santa Cruz, cujo nome jaz na fachada do diretório central dos estudantes.

¹⁰ Um link é um elo que liga determinadas palavras-chave de um texto a outros disponíveis na memória do computador.

“Excuse-me”, de Jimi Hendrix, “Acenderam as velas”...e mais um coração deixa de bater, um anjo vai pro céu...resignificaram o coro que grita presente para cada desaparecido mencionado. “Quem é essa mulher que canta sempre este estribilho: só queria embalar meu filho que mora na escuridão do mar...” música dedicada à Zuzu Angel simboliza a época de bombas, atentados, recesso do Congresso...

“Esse filme eu já vi”, que fala da violência urbana, foi uma das canções desta faixa que sofreu um deslocamento de sentido ao ser usada para clamar contra a violência política. O que demonstra que cada informação terá um significado diferente dependendo do efeito que se pretende e da forma como será conectada ao conjunto.

Outras Faixas

“Ideologia” tem 11’00” e “Coração de Estudante” trilha a década das greves dos anos 80 e o anseio por eleições diretas, inclusive, para reitores. Esta faixa termina com a irreverência da “gente não sabemos escolher presidente”. Já “Fora da Ordem”, quinta faixa, com 11’36”, traz a era da velocidade da informação do mundo globalizado, da mudança de paradigmas e da indefinição dos rumos da universidade pública no Brasil. Com o “pulso ainda pulsa” e “eu acredito é na rapaziada” deixa-se a esperança no ar para “enfrentar o leão”.

Conclusão

O CD-player utiliza a mesma linguagem oral, produzida eletronicamente, que o rádio e ambos os suportes têm um discurso sonoro, invisível, composto pela palavra, música, ruído e silêncio. O que os diferencia é a enunciação em tempo real, ou seja, emissor e receptor não compartilham o mesmo contexto temporal. E é justamente esta diferença que propicia as vantagens e desvantagens do CD como suporte para o áudio.

A vantagem do CD é a possibilidade de servir como arquivo de memória de determinada informação com qualidade de som digital, característica que o aproxima mais do computador do que do rádio. Ao contrário deste veículo, o fato do material a ser ouvido estar gravado e não ser transmitido ao vivo permite ao receptor assimilar a informação na hora em que quiser e a partir da direção escolhida através das diversas faixas, verdadeiros ícones de acesso.

Essa “navegação” pelas faixas possibilita a interatividade ao receptor, que se torna ativo na exploração da mensagem e na realização de diferentes leituras, a partir de uma teia de

conexões semelhantes à linguagem utilizada no computador em que um texto inclui inúmeros outros textos.

O CD também pode incorporar as características do hipertexto a partir de diferentes vozes, diferentes sons, que introduzem diversos assuntos. Mas o CD não permite ao receptor ser também o produtor da informação no sentido propriamente dito, como ocorre no computador. Pois se por um lado, o ouvinte seleciona o caminho da audição, por outro, não emite sua própria informação, sua própria voz, já que a mensagem no CD vem pronta, fechada. Ela não é bidirecional.

Devido a esta característica não podemos considerar que o CD enquanto suporte de áudio tenha libertado totalmente o receptor da lógica unívoca da distribuição dos sistemas de comunicação de massa e nem que tenha conseguido a interatividade de mão-dupla defendida por Brecht para o próprio rádio na década de 30.

Mas o CD se destaca por armazenar um conteúdo sonoro por tempo indefinido. O que não acontece no rádio que tem como característica a instântaneidade e o imediatismo. Ambos, no entanto, envolvem o receptor emocionalmente a partir de sua linguagem persuasiva e permitem a evocação de imagens visuais, assim como outras sensações táteis, de olfatos, sabores.

O CD é também de fácil acesso, por exemplo, num país como o Brasil, onde muitos dispõem de um aparelho de som do tipo três em um e poucos de um computador. Atualmente, pode ser ouvido no carro ou em qualquer outro local que tenha o aparelho apropriado.

Foi a partir do documentário sobre os 40 anos da Universidade Federal Fluminense que abriu-se o debate, nesta instituição, sobre a experimentação da melhor linguagem para realização de um CD, seu uso e sua função.



Bibliografia

ALVES, Walter Ouro, *Radio: la mayor pantalla del mundo*, Ciespal, Equador

MEDITSCH, Eduardo, A Nova Era do Rádio, In: Del Bianco, Nélia e Moreira, Sonia Virginia, *Rádio no Brasil : Tendências e Perspectivas*, p.109-129, Eduerj e Editora UNB, Rio e Brasília, 1999

-----, *Sete meias-verdades e um lamentável engano que prejudicam o entendimento da linguagem do radiojornalismo na era eletrônica* [on line]. Disponível no site: <http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-discurso-radiojornalismo.html>

ORTRIWANO, Gisela Swetlana, *Rádio: Interatividade entre Rosas e Espinhos* [on line]. Disponível no site bocc.ubi.pt/pag/ortriwano-gisela-radio-interactividade.html

SANZ, Luis Alberto, *Dramaturgia da Informação Radiofônica*, Editora Gama Filho, Rio de Janeiro, 1999

SILVA, Marcos, *Sala de aula interativa*, Editora Quartet, Rio de Janeiro, 2000